



A PÓS-MODERNIDADE COMO PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO DO *LOGOS* CRISTÃO¹

Parte 1

Postmodernity as secularization process of the Christian Logos

William Felipe Zacarias² e Euler Renato Westphal³

RESUMO

A Pós-Modernidade é um problema e um desafio para a teologia cristã. A escatologia foi diluída no instante e os referenciais para a construção da teia de significados da vida humana são transferidos para o mundo imanente. O niilismo se tornou um dogma, fundamentado no “eterno retorno do mesmo” de Friedrich Nietzsche. A causa final deste pensamento é o hedonismo que culmina em uma cultura orgiaca, violenta e pós-humana. A Pós-Modernidade, ao romper com a visão de mundo judaico-cristã, rompeu também com aquilo que até então constituiu inexoravelmente o Ocidente. Este rompimento significa um retorno à era trágica dos gregos que enxergava as pessoas pelas diferenças. O cristianismo, ao contrário conferiu igualdade de direito a todas as pessoas, independentemente dos aparentes acidentes que as diferenciam. Gianni Vattimo propõe a *kénosis* de Filipenses

¹ Artigo recebido em 08 de julho de 2016, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 15 de julho de 2016, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² William Felipe Zacarias – Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia – FLT, de São Bento do Sul/SC. E-mail: william.zacarias@flt.edu.br.

³ Euler Renato Westphal é Doutor em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo/RS. Professor do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE- Joinville-SC. Professor de Teologia Sistemática na FLT, São Bento do Sul/SC. Publicações na área da Teologia, Filosofia, Ética e Bioética. eulerwestphal@gmail.com.

2.5-7 como uma tentativa de salvar o cristianismo do seu fim. Entretanto, do ponto de vista teológico, sua proposta é insuficiente por abarcar somente uma parte da cristologia. Por conseguinte, sem a visão de mundo judaico-cristã, o Ocidente humano, belo e histórico entra em colapso.

Palavras-chave: Pós-Modernidade. Humanismo. Secularização. Cristologia. Ocidente.

ABSTRACT

The Postmodernity is a problem and a challenge for Christian theology. The Eschatology was diluted at the moment and the reference to the construction of the web of meanings of human life are transferred to the immanent world. The Nihilism has become on a dogma, based on the "eternal return of the same" of Friedrich Nietzsche. The ultimate cause of this thinking is the hedonism that culminates in an orgiastic culture, violent and post-human. Postmodernity, by breaking with the vision of the Judeo-Christian world, also broke with what until then was the West inexorably. This disruption means a return to the era tragic of the Greeks that saw the differences between people. The Christianity, on the contrary, gave equal rights to all people, regardless of the apparent accidents that differentiate them. Gianni Vattimo proposes the kenosis from Philippians 2.5-7 as an attempt to save Christianity from your end. However, from the theological point of view, its proposal is insufficient to cover only a part of Christology. Therefore, without the Judeo-Christian world vision, the western humanity, beauty and history collapses.

Keywords: Post-modernity. Humanism. Secularism. Christology. Western.

1 INTRODUÇÃO

Supra-humanidade é um termo cunhado originalmente pelo filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976). Embora o filósofo alemão não faça parte do quadro teórico desta pesquisa, supra-humanidade é a melhor terminologia para expor o problema da secularização, niilismo e pós-humanismo na Pós-Modernidade. Gianni Vattimo, intérprete de Nietzsche e Heidegger, diz, "Heidegger considera que essa supra-humanidade, que de acordo com ele, Nietzsche prega, é o ápice da desumanidade"⁴. Esta desumanidade reduz também o ser humano, como o restante de todas as coisas, à objetividade manipulável. Por conseguinte, o que Nietzsche chamou de *Übermensch* (além-do-homem), Heidegger batizou de supra-humanidade.

Nietzsche lançou os fundamentos de um audacioso projeto: a "restauração de uma visão mais grega, menos historicista e mais naturalista do

⁴ VATTIMO, Gianni. **Diálogo com Nietzsche**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 314.

mundo e do homem, ou o profeta da sociedade tecnológica, que deseja libertar o homem dos resíduos moralistas, metafísicos⁵. Assim, sua doutrina do *Ewige Wiederkehr des Gleichen* (eterno retorno do mesmo) não é outra coisa senão a anulação da linearidade do tempo judaico-cristão e a superação do humanismo cristão. Ademais, é a própria secularização do protestantismo que vai levar a humanidade ao niilismo.

Por conseguinte, o objetivo desta pesquisa é respaldar a relação inexorável existente entre cristianismo e Ocidente que, para Vattimo, são termos sinônimos, pois não é possível pensar o Ocidente sem o cristianismo. Ademais, sem a visão de mundo judaico-cristã o Ocidente desaba. Em seguida, insere-se a cristologia no contexto da discussão da Pós-Modernidade a partir de textos centrais da cristologia neotestamentária com o interesse de verificar sobre que Deus o Ocidente foi construído e está fundamentado. O terceiro capítulo faz uma abordagem de como a secularização e o niilismo se expressam no orgiasmo musical pós-moderno internacional e nacional. Por último, aborda-se o tema da dignidade humana que envolve, na Pós-Modernidade, o avanço da técnica que ao invés de proteger a vida humana pode também ser usada para retirá-la.

Assim, a Pós-Modernidade é o período pós-cristão. A escatologia é diluída no presente. Os referenciais para a construção do sentido da vida humana são transferidos para o mundo imanente. Por conseguinte, Deus assumiu o vazio humano e o preencheu na sua obra de cruz e ressurreição. Logo, pergunta-se: qual a relevância de Cristo para a Pós-Modernidade?

2 A PÓS-MODERNIDADE: ORIGEM, PROBLEMA E DESAFIO

“O pastor protestante é o avô da filosofia alemã”⁶.

Friedrich Wilhelm Nietzsche.

O teólogo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) é sempre provocante. Nietzsche estudou e compreendeu com profundidade as raízes daquilo que constitui inexoravelmente o Ocidente: o cristianismo. Ele mesmo foi filho

⁵ VATTIMO, 2010, p. 314.

⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. O Anticristo – 1888. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras escolhidas**. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 377.

e neto de pastores luteranos e estudou teologia de outubro de 1858 a setembro de 1864 em Bonn⁷. Compreender a tradição que permeia o Ocidente foi uma descoberta fundamental para a filosofia de Nietzsche, pois ele a derrubou.

Para o teólogo alemão, o que constitui o Ocidente é a “religião da compaixão”⁸. Ele decretou a sua morte, a morte de Deus:

Deus morreu! Deus continua morto! E nós o matamos!! Como nos consolaremos, nós, os assassinos dos assassinos? O que o mundo possui de mais sagrado e possante perdeu seu sangue sob nossa faca. O que nos limpará deste sangue? Com qual água nos purificaremos? Que expiações, que jogos sagrados teremos que inventar? A grandeza desse ato não é muito grande para nós? Não seremos forçados a tornarmo-nos deuses para parecermos, pelo menos, dignos de deuses? Jamais houve ação tão grandiosa e aqueles que poderão nascer depois de nós, pertencerão por esta ação a uma história mais alta que o foi até aqui qualquer história.⁹

Se os céus estão vazios, o homem está livre para viver sua “vontade de potência” (*Wille zur Macht*). A autonomia passa a ser a primazia do homem e a substituta da heteronomia e da alteridade. O homem exerce domínio sobre a natureza não pelo julgo iluminista da razão, mas pela vontade. Para o “além-do-homem” (*Übermensch*), o homem é uma zombaria tal como o macaco o é para o homem¹⁰. Em outras palavras, para o “além-do-homem”, a humanidade (ou humanismo) é uma chacota. Por conseguinte, o “além-do-homem” é a superação de tudo aquilo que lhe constituiu até aqui como humano. O *Übermensch* é o último homem¹¹.

Logo, Nietzsche não fez outra coisa senão constatar o que já se tornara evidente: a decadência ocidental. Deus foi morto pelos seus próprios filhos que lhe prometeram fidelidade e nunca falar mentiras. Por conseguinte, os filhos de Deus descobriram que o próprio Deus era uma mentira. “Deus morreu, escreve

⁷ Cf. BACKES, Marcelo. Cronologia biobibliográfica. In: NIETZSCHE, 2013, p. 569.

⁸ NIETZSCHE, 2013, p. 375.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia ciência**. São Paulo: Hemus, 1981, p. 104.

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 1999, p. 25. No cinema, esta descrição foi muito bem transformada em ficção científica pelo cientista e escritor norte-americano Artur C. Clarke. Cf. CLARKE, Arthur C. **2001: uma odisséia no espaço**. São Paulo: Aleph, 2013, p. 34 e **2001: uma odisséia no espaço**. Direção de Stanley Kubrick. Burbank, Califórnia: Turner Entertainment Co. e Warner Bros Entertainment Inc, 1968. 1 DVD.

¹¹ NIETZSCHE, 1999, p. 30.

Nietzsche, porque os seus fiéis o mataram; isto é, aprenderam a não mentir apenas porque ele assim os havia ordenado e, no final, descobriram que o próprio Deus era uma mentira supérflua”¹².

O filósofo e político italiano contemporâneo Gianterio Vattimo (doravante Gianni Vattimo) (1936-) é um intérprete e crítico de Nietzsche para o Ocidente Latino. Para ele, é preciso compreender os processos singulares desenvolvidos no Ocidente para decifrar o que diz a filosofia de Nietzsche e o que é, em suma, a Pós-Modernidade, pois, para Vattimo, é o decreto nietzschiano da morte de Deus que alicerça a cultura pós-moderna¹³. Portanto, só é possível interpretar e teorizar a Pós-Modernidade e a própria filosofia (ou teologia) de Nietzsche a partir do rompimento com os fundamentos judaico-cristãos do Ocidente. Dito de outra forma, só é possível compreender o Ocidente humanista 172 anos depois de Nietzsche¹⁴ ao destacar o pensamento judaico-cristão que lhe é inerente.

Max Weber é um autor fundamental para compreender o processo de secularização do ocidente cristão, especificamente do protestantismo. É a partir de Weber que se pode constatar o pastor protestante como avô da Modernidade ocidental. Weber será lido em diálogo com Vattimo. Entende-se que sem compreender a Modernidade, também não será possível compreender a Pós-Modernidade.

2.1 Weber e Vattimo: a secularização como fenômeno ocidental

O sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) introduz sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*¹⁵, citando os vários desdobramentos científicos da história que tem sua relação com o Ocidente. Diz ele que as outras culturas também tinham o direito, a matemática, a música, a ciência, a astronomia,

¹² VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 12.

¹³ Cf. WESTPHAL, Euler Renato. A pós-modernidade e as verdades universais: a desconstrução dos vínculos e a descoberta da alteridade. In: CARVALHO LAMAS, Nadja de; RAUEN, Taiza Mara (orgs.). **(Pro)Posições culturais**. Joinville: Univille, 2010, p. 14.

¹⁴ A expressão d. N. (depois de Nietzsche) é usada ironicamente por Gianni Vattimo em: VATTIMO, 2010, p. 367.

¹⁵ WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1967.

contudo é no ocidente que elas receberam a sua sistematização. A partir disso, toda lógica racional do conhecimento sistematizado brota no Ocidente, embora os conhecimentos empíricos já existissem em todas as civilizações antigas, conforme as suas próprias culturas¹⁶. Da mesma forma acontece com o capitalismo¹⁷. As relações de compra, troca e lucro também já existiam desde a antiguidade, mas é o Ocidente quem dá caráter sistemático a estas relações. Embora o capitalismo existisse em todas as culturas e épocas, é no Ocidente que ele é racionalizado a partir do trabalho livre dos operários. Este capitalismo racional determina que deva existir o operário e o patrão. Eles, em toda a história e em todos os lugares, possuíam lutas, mas é no capitalismo ocidental que haverá a luta de classes entre ambos.

Weber pergunta: todo este conhecimento foi sistematizado no ocidente pelo fato do oriente não conter capacidades racionais? Na verdade, ambas as faces do planeta possuem racionalidade, a diferença reside nas suas peculiaridades socioculturais¹⁸. Uma dessas peculiaridades é a religião. Assim, a proposta weberiana é estudar a cultura capitalista ocidental a partir da religião protestante europeia, um estudo sistematizado do que ele chamou de sociologia da religião.

O pressuposto (ou preconceito, para ficar com Hans-Georg Gadamer) weberiano se dá a partir de uma constatação: os maiores líderes do mundo dos negócios do seu tempo são protestantes. Isto, para ele, se deve a fatores históricos da religião protestante¹⁹. Um desses fatores é a aderência do protestantismo especialmente pelos imperadores das regiões mais evoluídas economicamente. Toda esta riqueza se torna herança para as novas gerações. Outro fator é o domínio que a Igreja Católica exercia sobre os indivíduos de forma que eles não possuíam espaço para crescer economicamente. Existe um arquétipo cultural que define a diferença econômica entre católicos e protestantes. Os católicos são mais adeptos da arte do artesanato enquanto os protestantes aderem às fabricas, tanto como administradores quanto como empregados. Os protestantes recebem na educação domiciliar a sua predestinação a este ou aquele serviço, inclusive continuando o negócio, a empresa ou a profissão que a família tinha até então. Por isso, Weber afirma que os protestantes são aqueles que estão dirigindo ou sendo dirigidos nas

¹⁶ WEBER, 1967, p. 1-4.

¹⁷ WEBER, 1967, p. 4.

¹⁸ WEBER, 1967, p. 11.

¹⁹ WEBER, 1967, p. 19.

empresas. A partir disso, desenvolvem a sua racionalidade econômica na vivência econômica industrial. O catolicismo, contudo, por ser ascético, cria a cultura que despreza os bens do mundo. Este ascetismo é criticado pelo protestantismo ao passo que os católicos contrapõem a crítica afirmando o materialismo moderno enquanto fruto da secularização do protestantismo. Enquanto o católico é um ser humano tranquilo e despreocupado com a vida, o protestante deseja saciar-se de muitos bens.

O movimento protestante que especificamente promoveu tal comércio foi o calvinismo. Por isso, não se deve aplicar os conceitos capitalistas a todo o protestantismo indiscriminadamente, pois o progresso nem sempre pode ser entendido como uma “alegria de viver”. Weber também acrescenta que o antigo protestantismo de Lutero, Calvino e outros não tem nada de comum com o conceito de progresso da Modernidade, ao passo que se deve ver, no lugar da “alegria de viver”, a religião protestante em seu próprio. Com isso, Weber procura enxergar as peculiaridades daquilo que se está pesquisando como fenômeno histórico sem esquecer os limites impostos pela própria investigação.

Max Weber define espírito como uma individualidade histórica. Espírito, para ele, é a cultura desta individualidade, pois toda cultura em toda época possui o seu *Geist* (espírito). O capitalismo também possui um espírito, o espírito do capitalismo. Weber argumenta que o trabalho (*Beruf*) não deve jamais ser executado como um fim em si mesmo, como meio capitalístico de obter mais dinheiro, porém deve ser feito com um fim absoluto por si mesmo, em síntese, como uma vocação (*Berufung*). Partindo para a concepção de vocação de Lutero, Weber fala da *Berufung* no contexto religioso. Weber constata que na história o termo nem sempre teve o significado presente na atualidade de Lutero. Aquilo que hoje é conhecido como vocação no sentido de plano de vida e área de trabalho não havia nem na antiguidade clássica e muito menos no catolicismo romano.

Para Lutero, a vocação é o cumprimento do dever no mundo secular. Por isso não deve ser realizado nos mosteiros que exclui o cristão do mundo como forma de agradar a Deus. Ele irá agradar a Deus no cumprimento das tarefas de seu século, i. é, no trabalho secular. O cristão possui um lugar no mundo e este lugar deve servir a Deus por meio do próximo: esta é a sua verdadeira vocação²⁰. Nesta concepção o trabalho na vocação passa a ser a expressão do amor ao

²⁰ WEBER, 1967, p. 54.

próximo, pois o serviço é realizado vocacionalmente ao mundo.

Vattimo argumenta, a partir de Weber, que é a partir do serviço secular do cristão no mundo (e não fora dele) que o cristianismo deixa de ser religioso. Para Vattimo, “a secularização, todo aquele conjunto de fenômenos de tomada de distância que caracterizaram a Modernidade ocidental, é um fato interno à história da religiosidade do Ocidente”²¹. Portanto, a secularização é um fato inexoravelmente ocidental:

O que são na verdade a Europa ou o Ocidente ou a Modernidade senão, acima de tudo, civilizações da racionalidade científica, econômica e tecnológica? Esta racionalidade, contudo, tal como nos ensinou Max Weber, e tal como já repetimos ao infinito, não se realizou em nenhuma outra cultura do planeta, mesmo quando presentes todas as outras condições materiais, porque somente no Ocidente agia a tradição religiosa judaico-cristã. O monoteísmo (...) é condição para pensarmos a natureza sob a perspectiva unitária de uma ciência física, base indispensável para o domínio tecnológico da própria natureza; enquanto a ética cristã, sobretudo protestante, é a condição para concebermos o trabalho, a poupança, o sucesso econômico, como imperativos religiosos e, portanto, capazes de suscitar um empenho profundo e total²².

Para Weber, Deus concede todas as coisas, conforme o necessário, graciosamente no pensamento de Lutero. Isto significa que o que tem muitas coisas não crê na graça verdadeiramente, pois acumula para si na incerteza do amanhã. O ser humano não trabalha na sociedade para enriquecer, mas unicamente pelo dom recebido de Deus que serve ao próximo. Desta forma, o crente não precisa temer o amanhã, mas deve crer na providência divina.

Em síntese, Weber percebeu que as consequências culturais pós-reforma foram efeitos imprevistos. Logo, a secularização aconteceu totalmente ao contrário daquilo que Lutero e outros reformadores sonharam. De outro lado, contudo, é preciso aceitar que o espírito do capitalismo não é, de forma alguma, consequência direta da Reforma, mas indireta a partir das influências que teve. O capitalismo já existia muito antes da Reforma. O que se deseja constatar é em que medida as influências das religiões deram moldes ao espírito do capitalismo, ver em que medida os fenômenos culturais da atualidade de Weber tiveram sua origem nas religiões e até onde podem ser relacionadas a elas.

²¹ VATTIMO, 2004, p. 38.

²² VATTIMO, 2004, p. 96-97.

Por conseguinte, tanto o alemão Max Weber quanto o italiano Gianni Vattimo destacam que sem a cosmovisão (*Weltanschauung*) judaico-cristã o Ocidente se torna impensável, pois, conforme Vattimo, a

secularização me parece ser acima de tudo, no sentido weberiano, a aplicação da ética, e da visão de mundo monoteísta, judaico-cristã, na construção do capitalismo, da ciência natural e da tecnologia moderna. Todavia, não é só isto: a secularização do cristianismo é também aquela abertura para outros mundos (...) que está na base do consumismo. A secularização é, ainda, o enfraquecimento do sentido da realidade que se produz nas ciências que estudam entidades cada vez mais inconciliáveis como as coisas da nossa experiência cotidiana.²³

O fenômeno da secularização é um fenômeno interno e singular do Ocidente justamente por somente ele ter sido influenciado pela visão de mundo judaico-cristã. Esta visão de mundo foi o fundamento sobre a qual a Modernidade foi construída e onde os filhos matam o seu pai, as criaturas matam o seu criador.

A Modernidade faz uma reciclagem do movimento da Reforma reaproveitando apenas aquilo que é útil para o homem moderno racional. A Modernidade surge do próprio movimento não religioso onde os crentes servem a Deus não só dentro da igreja, mas também fora dela através da sua vocação no trabalho, procurando fazer o melhor que podem afim de servir a Deus por meio do outro.

A Reforma incentivou também o desenvolvimento da educação e da cultura secular. Os fiéis estudam, se tornam mestres e, no fim das contas, sua racionalidade se tornou tão exímia que eles percebem que Deus, na verdade, é uma mentira. Por conseguinte, Deus não passa de uma ideia que ajudou o ser humano em tempos em que a técnica e a ciência ainda não o protegiam. Com o avanço da técnica e da ciência, Deus se tornou prescindível:

Deus serviu para proteger o homem em tempos em que ciência, técnica e organização social ainda não o protegiam da guerra de todos contra todos; hoje que, precisamente graças à crença na verdade, em Deus, na razão se alcançou um certo grau de segurança, esses mitos já não são necessários²⁴.

Destarte, a secularização outra coisa não é senão um utilitarismo

²³ VATTIMO, 2004, p. 99.

²⁴ VATTIMO, 2010, p. 307.

convencional que reaproveita conceitos e valores cristãos sem, contudo, levar em conta o próprio fundamento cristão que gerou tais conceitos e valores, como Deus, Bíblia, fé, etc. A Modernidade é judaico-cristã no seu utilitarismo de secessão onde Deus “foi para o lixo”.

A Modernidade utiliza-se do pragmatismo reformatório, como a educação, a cultura e o estado, sem seu fundamento teológico. Não é à toa que grandes pensadores e cientistas da Modernidade eram ou tinham suas raízes no cristianismo, como, por exemplo, “Immanuel Kant, Schelling, Thomas Malthus, Friedrich Nietzsche e tantos outros”²⁵. Foi o teólogo e pastor alemão pietista Friedrich Ernst Schleiermacher quem fundou a universidade moderna a partir da Universidade de Berlim²⁶. Também as universidades modernas surgiram a partir da Reforma, como Harvard, Princeton e Yale²⁷. Conquanto, tornam-se inegáveis as relações intrínsecas existentes entre o movimento reformatório inaugurado por Lutero e a Modernidade com seus principais representantes.

Para Vattimo, “o Ocidente é essencialmente cristão na medida em que o sentido da sua história se mostra como o ‘crepúsculo’ do ser”²⁸. Para ele, a “secularização me parece ser acima de tudo, no sentido weberiano, a aplicação da ética, e da visão de mundo monoteísta, judaico-cristã, na construção do capitalismo, da ciência natural e da tecnologia moderna”²⁹. A tradição judaico-cristã é tão inseparável do Ocidente que Vattimo chega a afirmar que ninguém pode não se afirmar cristão³⁰. Portanto, a não ser que o indivíduo, o partido ou a instituição não se digam como ocidentais, todos são inerentemente cristãos, pois

a Modernidade é a época para a qual o ser moderno se torna um valor, ou, melhor, o valor fundamental, a que todos os demais são referidos. Essa fórmula pode ser corroborada mostrando-se que coincide com a de

²⁵ WESTPHAL, Euler Renato. **Brincando no paraíso perdido**. São Bento do Sul: União Cristã, 2006, p. 46.

²⁶ Cf. ZILSE, Raphaelson Steven. Base Filosófica para uma Estrutura Dogmática? In: SCHWAMBACH, Claus (coord.). **Vox Scripturae**. São Bento do Sul, v. XXI, n. II, 2013, p. 144.

²⁷ Cf. WESTPHAL, 2006, p. 43-44.

²⁸ VATTIMO, 2004, p. 98.

²⁹ VATTIMO, 2004, p. 99.

³⁰ Cf. VATTIMO, 2004, p. 104; e VATTIMO, Gianni. A Idade da Interpretação. In: ZABALA, Santiago (org.). **O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 75-76.

secularização. Secularização, como moderno, é ao mesmo tempo um termo que descreve o que aconteceu em certa época e que é assumido como seu caráter, e o “valor” que domina e guia a consciência da época em questão, sobretudo como fé no progresso, entendida como fé no processo histórico cada vez mais despojada de referências providenciais e meta-históricas, se identifica pura e simplesmente como a fé no valor do novo³¹.

Tão logo como é impossível pensar a Modernidade sem a cosmovisão judaico-cristã, também é impossível pensar a Pós-Modernidade sem a Modernidade. Para Vattimo, “vivemos em uma civilização forjada pela mensagem bíblica e especificamente cristã”³². Não é possível debater sobre o Ocidente sem lembrar da mensagem bíblica tão intrínseca a ele, pois “o Ocidente é cristianismo secularizado e nada mais”³³.

É o processo de secularização da tradição cristã que permite o próprio cristianismo a continuar existindo em sua forma secular. A secularização é uma invenção necessária do próprio cristianismo que acabou eliminando os fundamentos metafísicos desta própria tradição. É preciso mencionar que, conforme Euler Renato Westphal (1957-), a “característica de toda a tradição protestante é a secularização, que enfatiza a racionalidade científica e técnica, a liberdade de pensamento e a autonomia para com as instituições”³⁴. Portanto, a secularização não deveria significar um afastamento de Deus, mas uma outra forma de se relacionar com ele através da *Berufung* secular como modo de servir a Deus por meio do próximo, tal como propôs Lutero no séc. XVI. Bonhoeffer diz: “Não se deve ignorar que a tecnologia se desenvolveu unicamente no Ocidente, quer dizer, no mundo marcado pelo cristianismo e, de modo especial, pela Reforma”³⁵. Assim, “ao penetrar nos países orientais, ela adquire um sentido completamente diferente, deixando de ser um fim em si mesma”³⁶. Bonhoeffer chega a dizer que “foi a razão liberta que originou a descoberta dos eternos *direitos humanos*” (grifo do autor)³⁷. Assim, também para o teólogo e pastor luterano alemão, é o

³¹ VATTIMO, Gianni. **O fim da Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 97.

³² VATTIMO, 2006, p. 72.

³³ VATTIMO, 2004, p. 94.

³⁴ WESTPHAL, 2010, p. 15.

³⁵ BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 9. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009, p. 66.

³⁶ BONHOEFFER, 2009, p. 66.

³⁷ BONHOEFFER, 2009, p. 66.

cristianismo que dá ao Ocidente o seu sentido e a sua razão de ser o que é no sec. XX. Para ele, a proclamação do niilismo é correlata do endeusamento humano³⁸, pois “ao destroçar a fé bíblica em Deus (...) o ser humano destrói-se a si mesmo. Surge um vitalismo desenfreado que traz consigo a dissolução de todos os valores, sossegando, apenas, na autodestruição final, no nada”³⁹. Por fim, Bonhoeffer afirma que “com a perda da unidade criada pela forma de Jesus Cristo, o Ocidente está diante do nada”⁴⁰.

O nada para o qual o Ocidente se encaminha não é o fim natural, a morte, o desaparecimento de uma florescente história de povos; é, mais uma vez, um nada especificamente ocidental, isto é, um nada de rebelião, violência, de hostilidade a Deus e aos seres humanos. Como apostasia de tudo quanto existe, é o desdobramento máximo de todas as forças contrárias a Deus. É o nada como Deus; ninguém conhece seu alvo e sua medida; impera de forma absoluta⁴¹.

É importante citar Bonhoeffer no discurso da secularização porque Vattimo está fundamentado no “cristianismo não religioso” a partir do teólogo e mártir alemão⁴². Consequentemente, Vattimo diz: “se quisermos falar do Ocidente, da Europa, da Modernidade – termos que, para o nosso discurso, têm o valor de sinônimos – (...), a única noção que podemos utilizar é justamente aquela da secularização do patrimônio judaico-cristão”⁴³. Por conseguinte, “a tese da ‘equivalência’ entre cristianismo e Ocidente significa, acima de tudo, que a secularização não é abandono e nem distanciamento radical”⁴⁴. Portanto, para o filósofo italiano, falar do Ocidente e do cristianismo é, na verdade, falar da mesma realidade.

Embora Weber tenha examinado muito bem a secularização do protestantismo, sua visão de mundo ainda era a Modernidade. Weber nasceu e morreu dentro de tal cosmovisão. Vattimo, porém, trata da secularização a partir de Weber, mas com a cosmovisão do séc. XXI. Vattimo compreendeu o que é a

³⁸ Cf. BONHOEFFER, 2009, p. 68.

³⁹ BONHOEFFER, 2009, p. 68.

⁴⁰ BONHOEFFER, 2009, p. 70.

⁴¹ BONHOEFFER, 2009, p. 70.

⁴² Cf. VATTIMO, 2004, p. 51.

⁴³ VATTIMO, 2004, p. 94.

⁴⁴ VATTIMO, 2004, p. 94.

Modernidade para poder explicar o que é a Pós-Modernidade.

Já foi dito exaustivamente que o Ocidente está fundado sobre a tradição judaico-cristã e que a Modernidade sobre a secularização do protestantismo. Estas informações já dão uma pequena noção sobre qual é o rompimento ocorrido na Pós-Modernidade. O marco referencial que dividiu conceitualmente a Modernidade da Pós-Modernidade foi a filosofia de Nietzsche.

2.2 Nietzsche, o divisor de águas

Assim como Max Weber, o teólogo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu dentro da visão de mundo Moderna. Entretanto, antes dele já se evidenciava de forma tímida um rompimento com a metafísica clássica através do filósofo idealista Arthur Schopenhauer (1788-1860) que propôs a primazia da vontade humana, ironicamente baseada em Immanuel Kant (1724-1804), seu contemporâneo. O legado da vontade humana de Schopenhauer é utilizado por Nietzsche para falar da “vontade de potência” (*Wille zur Macht*).

Como já foi brevemente exposto na introdução deste capítulo⁴⁵, Nietzsche estudou e compreendeu que a cosmovisão (*Weltanschauung*) judaico-cristã estava nas raízes da Modernidade em seu tempo. Aquilo que o racionalismo, empirismo e o iluminismo acreditavam ser a aurora da ascensão humana, Nietzsche enxergava como decadência.

Para Nietzsche, o veneno do Ocidente é o pensamento judaico-cristão, pois a “humanidade *não* representa um desenvolvimento rumo ao melhor ou ao mais forte ou ao mais elevado. O ‘progresso’ é meramente uma ideia moderna, ou seja, uma ideia errônea”(grifo do autor)⁴⁶. Por isso, o que caracteriza a decadência e não a ascensão do Ocidente para Nietzsche é o avanço que não deixa de olhar para os fracos. Para ele, este avanço significa, na verdade, um retrocesso, pois “os fracos e os malogrados devem sucumbir: primeira tese de *nosso* amor à humanidade. E ainda devem ser ajudados nisso. O que é mais danoso do que qualquer vício? – A compaixão ativa por todos os malogrados e fracos – o cristianismo”(grifo do autor)⁴⁷. Portanto, é o próprio Nietzsche quem afirma que a dignidade dos fracos está pautada no cristianismo que é inerente ao Ocidente. É o

⁴⁵ Cf. p. 9-10.

⁴⁶ NIETZSCHE, 2013, p. 373.

⁴⁷ NIETZSCHE, 2013, p. 373.

cristianismo que impede a existência do *Übermensch* por dar demasiada atenção aos fracos, malogrados e retrógados do mundo. “O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, vil e malogrado”⁴⁸. Portanto, os valores cristãos como o amor ao próximo, dignidade humana e igualdade de direito são, para Nietzsche, “valores da *décadence*”(grifo do autor)⁴⁹, isto é, “valores da decadência.”

Nietzsche afirma que “a compaixão se opõe de um modo geral à lei da evolução, que é a lei da *seleção*”(grifo do autor)⁵⁰. Quando Nietzsche afirma que “o pastor protestante é o avô da filosofia alemã”⁵¹, ele diz, em seguida, que “o próprio protestantismo é o seu *peccatum originale*”⁵², i. é, o pecado original da filosofia e sua hemiplegia. Por isso Nietzsche faz uma crítica a Lutero e a Kant como fundadores deste Ocidente decadente⁵³. O próprio Nietzsche, como filólogo, afirma que

quando são eliminados os pressupostos da vida *ascendente*, quando é eliminado do conceito de deus tudo o que é forte, valente, senhoril e orgulhoso, quando ele se degrada passo a passo em símbolo de um bastão para os cansados, uma âncora de salvação para todos os afogadiços, quando ele se transforma em deus das pobres gentes, deus dos pecadores, deus dos doentes *par excellence*, e o predicado “Salvador”, “Redentor”, é o que *resta*, por assim dizer, como predicado divino acima de qualquer outro.⁵⁴

Em Jesus, Deus “não se transformou [...] em um orgulhoso deus pagão: ele permaneceu judeu, ele permaneceu o deus dos recantos, o deus de todos os cantos e lugares escuros, de todos os bairros insalubres do mundo inteiro! [...] Ele mesmo, tão pálido, tão fraco, tão *décadente*...”(grifo do autor)⁵⁵. Para Nietzsche, o Deus cristão “é um dos mais corruptos conceitos de deus que foram alcançados sobre a terra”⁵⁶. Por conseguinte, é justamente pelo fato do Ocidente ser inexoravelmente

⁴⁸ NIETZSCHE, 2013, p. 374.

⁴⁹ NIETZSCHE, 2013, p. 374.

⁵⁰ NIETZSCHE, 2013, p. 375. Nietzsche já havia conhecido a Teoria da Evolução de Charles Darwin (1809-1882).

⁵¹ NIETZSCHE, 2013, p. 377.

⁵² NIETZSCHE, 2013, p. 377.

⁵³ Cf. NIETZSCHE, 2013, p. 377-380.

⁵⁴ NIETZSCHE, 2013, p. 383-384.

⁵⁵ NIETZSCHE, 2013, p. 384.

⁵⁶ NIETZSCHE, 2013, p. 384.

cristão que ele é decadente. O Ocidente desaba sem o cristianismo, por isso, ao propor a superação do cristianismo, Nietzsche propõe um retorno a era trágica dos gregos como um novo Ocidente, uma sociedade dionisiaca sem o pecado⁵⁷. “A decadência da civilização europeia é um efeito da atitude ascética imposta tanto pelo racionalismo socrático-platônico quanto pelo cristianismo”⁵⁸.

O retorno à era trágica foi um movimento contemporâneo de Nietzsche, impulsionado especificamente pelas composições de Richard Wagner (1813-1883). Este tipo de arranjo musical foi apelidado de música clássica por lembrar a era clássica dos gregos. Vattimo afirma que “o Nietzsche jovem parecia acreditar com sua confiança em um renascimento da tragédia por meio da revolução musical de Wagner”⁵⁹. Nietzsche “julgará possível a restauração de uma ‘civilização trágica’ por meio da mensagem que devia difundir a obra de Wagner”⁶⁰. Nietzsche busca uma maneira de sair da decadência: quando jovem, através da música de Wagner; quando velho, através de seu profeta Zaratustra que é o mestre do eterno retorno do mesmo (*Ewige Wiederkehr des Gleichen*)⁶¹. Para Bonhoeffer, em Nietzsche “há aqui uma atualização conscientemente anticristã da herança grega”⁶². Portanto, “Nietzsche só pôde surgir no solo da Reforma alemã”⁶³. Para que o seu projeto de ascensão do *Übermensch* possa ser executado, Nietzsche precisava romper com tudo o que constituiu a metafísica ocidental, desde Sócrates, Platão e o cristianismo. Em linhas gerais, há aqui aquilo que virá a constituir a Pós-Modernidade nos tempos atuais. Nietzsche não somente ignora a secularização do protestantismo, como rompe com toda a cosmovisão judaico-cristã fundamental do Ocidente a fim de criar uma nova identidade ocidental pautada na mitologia grega clássica, como a adoração a Dionísio, o orgiaco e caótico. “Qual de nós seria livre-pensador, se não fosse a Igreja? A Igreja é que nos repugna, *não* o seu veneno... Não considerando a Igreja, também nós amamos o veneno...”(grifo do autor)⁶⁴.

⁵⁷ Cf. NIETZSCHE, 2013, p. 393.

⁵⁸ VATTIMO, 2010, p. 304.

⁵⁹ VATTIMO, 2010, p. 182.

⁶⁰ VATTIMO, 2010, p. 265.

⁶¹ Cf. VATTIMO, 2010, p. 305-306.

⁶² BONHOEFFER, 2009, p. 61

⁶³ BONHOEFFER, 2009, p. 61.

⁶⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das

Vattimo afirma que “o dionisíaco vive inteiramente do horror e do extático arrebatamento produzido pela violação do *principium individuationis*”(grifo do autor)⁶⁵. Além disso, “tudo o que se diz do dionisíaco vale para o trágico porque o trágico não é, como parece a partir de muitos enunciados explícitos de Nietzsche, uma síntese equilibrada de dionisíaco e apolíneo”⁶⁶. O próprio Nietzsche afirma que “existem inimigos da filosofia: e fazemos bem em escutá-los, especialmente quando desaconselham a metafísica às cabeças adoecidas dos alemães e pregam a purificação pela *physis*, como Goethe, ou a cura pela música, como Richard Wagner”(grifo do autor)⁶⁷.

Consequentemente, há em Nietzsche tanto o fim da Modernidade ocidental como a gênese da Pós-Modernidade que – como está explícito pela preposição – rompeu com a tradição metafísica greco-cristã fundamental do Ocidente. O referencial para a localização de fatos na história não é mais a. C. e d. C., pois o Cristo neotestamentário foi, como evento, um rompimento com a visão de mundo até então. Na Pós-Modernidade, existe apenas um mundo pós-Nietzsche (d. N.)⁶⁸ que não significa outra coisa senão também um rompimento com a visão de mundo até então. Cristo rompeu com os valores gregos que levavam mais em conta as diferenças humanas do que sua igualdade; Nietzsche rompeu com Cristo que torna todos iguais, independentemente das diferenças através do amor. Por conseguinte, Nietzsche é o divisor de águas que rompeu com as características intrinsecamente cristãs do Ocidente dando origem a um novo Ocidente pautado em um retorno à era trágica dos gregos, especialmente à teologia do deus grego Dionísio.

2.3 Um tempo sem devir

O projeto nietzschiano de abandono de toda a tradição metafísica que fundamentou o Ocidente até então pode ser resumido de forma sintética na

Letras, 2009, p. 25.

⁶⁵ VATTIMO, 2010, p. 184.

⁶⁶ VATTIMO, 2010, p. 184.

⁶⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A Filosofia na Era Trágica dos Gregos – 1874. In:NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras escolhidas**. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 2.

⁶⁸ VATTIMO, 2010, p. 367.

expressão “Deus está morto” (*Gott ist tot*). Não foi Nietzsche quem matou Deus, mas foram os seus próprios fiéis:

Para onde Deus foi? - bradou. - Vou lhes dizer! Nós o matamos, vós e eu! Nós todos, nós somos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como pudemos esvaziar o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos quando desprendemos a corrente que ligava a terra ao sol? Para onde vai agora? Para onde vamos nós? Longe de todos os sóis? Não estaremos caindo incessantemente? Para a frente, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima, um embaixo? Não erramos como através de um nada infinito? Não sentiremos na face o sopro do vazio? Não fara mais frio? Não surgem noites, cada vez mais noites? Não será preciso acender as lanternas pela manhã? Não escutamos ainda o ruído dos coveiros que enterram Deus? Não sentimos nada da decomposição divina? Os deuses também se decompõem!⁶⁹

Se Deus está morto, não há quem olhe pelo homem, não há quem o defenda, não há alvo ou sentido para a história humana, a não ser um eterno cair sem fundo. “Deus também tem o seu inferno: é o seu amor pelos homens. E ultimamente ouvi-lhe dizer estas palavras: Deus morreu; foi a sua piedade pelos homens que o matou”⁷⁰. Por conseguinte, o diagnóstico de que os próprios fiéis mataram a Deus torna o homem livre e o obituário ainda mais assustador: “O próprio Deus cai vítima dos homens religiosos, daqueles que, educados pela religião ao escrúpulo e à veracidade, no fim, o desmascaram como uma mentira”⁷¹. Para Vattimo, “toda essa ‘ruptura’ culmina na ideia do eterno retorno do mesmo”⁷².

Isso significa que é a própria racionalidade advinda da secularização protestante que levou os fiéis a desmascaram Deus como uma mentira. Se Deus está morto, então a história está morta, pois a história linear judaico-cristã foi substituída pela visão cíclica do tempo dos gregos clássicos, o eterno retorno do mesmo. Vattimo escreve:

A aposta do sujeito acontece como a necessária consequência do reconhecimento de que não existe um sentido, uma direção, do devir da história. A unidade do sujeito consigo mesmo sempre foi pensada e vivida como continuidade hermenêutica articulada nos momentos do tempo entendido como unidade das três estases temporais (passado, presente,

⁶⁹ NIETZSCHE, 1981, p. 103-104.

⁷⁰ NIETZSCHE, 1999, p. 200.

⁷¹ VATTIMO, 2010, p. 278.

⁷² VATTIMO, 2010, p. 278.

futuro): o futuro não é o presente nem o passado; o sentido do eu está todo nessa distinção que precisamente lhe dá condição de se manter igual mesmo na mudança de seus diversos “estados”. Eliminada a transcendência do futuro em relação ao passado – e ela deve ser eliminada, se Deus está morto, se não existem significados ou valores que transcendam o processo –, é a própria vida do eu como continuidade hermenêutico-temporal que vem a se encontrar em uma condição de “suspensão”.⁷³

Conquanto, sem o devir transcendente da história (que os cristãos chamam de escatologia) não há sentido para o estudar o passado, pois também ele não existe. Logo, o ser humano sem referenciais vive um eterno retorno do mesmo no presente.

O teólogo neotestamentário teuto-francês Oscar Cullmann (1902-1999) afirma que a contagem do tempo cristã não parte de um ponto inicial, mas de um ponto central: o nascimento de Jesus Cristo. Isto acontece de tal maneira que os cristãos colocam os anos judaicos em ordem decrescente até Cristo e os anos cristãos em ordem crescente a partir de Cristo⁷⁴. Portanto, para os cristãos, o centro da história está na encarnação de Cristo⁷⁵. A aparição de Cristo muda a história. Para Cullmann, é a partir da centralidade de Cristo que a história na sua totalidade deve ser compreendida e julgada. A palavra, o *λογος*, é Deus no ato da sua revelação: Deus entrou uma só vez na história. Logo, o centro da história da salvação (*Heilsgeschichte*) não está na escatologia (devir), mas no evento da aparição (encarnação) de Cristo que divide a história em passado (a. C.) e futuro (d. C.). Por conseguinte, Cullmann propôs que a história no Ocidente sempre é pensada e estudada a partir de uma referência a Cristo que está em seu centro. Nietzsche, contudo, ao romper com a metafísica ocidental, eliminou a noção retilínea judaico-cristã de história, substituindo-a pela noção circular grega do tempo.

Nietzsche diz: “quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados, quem não é capaz de manter-se sobre um ponto como uma deusa de vitória, sem vertigem e medo, nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne outros felizes”⁷⁶. Por conseguinte, viver em função do

⁷³ VATTIMO, 2010, p. 279-280.

⁷⁴ Cf. CULLMANN, Oscar. **Cristo e o tempo**. São Paulo: Custom, 2003, p. 55-56.

⁷⁵ Cf. VATTIMO, 2004, p. 34.

⁷⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Considerações extemporâneas – 1874. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Os Pensadores**. Vol. 41. Obras Incompletas. 3. ed. São Paulo: Abril

passado é, para Nietzsche, um sintoma de infelicidade. Somente será feliz aquele que aprender a viver o instante: “a eterna repetição de minha existência é algo que devo desejar: ‘só quem considera a própria existência apta a se repetir eternamente sobrevive’”⁷⁷. Logo, toda ação humana deve “agir de maneira que eu queira que qualquer instante da minha vida se repita eternamente”⁷⁸. Esta é precisamente a doutrina do “*Ewige Wiederkehr des Gleichen*” de Nietzsche.

Nietzsche define a noção de história como um “preconceito ocidental”⁷⁹. Ao questionar a historiografia racionalista moderna, Nietzsche afirma que “a história, na medida em que está a serviço da vida, está a serviço de uma potência a-histórica e por isso nunca, nessa subordinação, poderá e deverá tornar-se ciência pura”⁸⁰. Nietzsche está correto em considerar que os estudos históricos devem estar a serviço da vida e criatividade humanas. Contudo, sua doutrina do eterno retorno do mesmo é um claro rompimento com a cosmovisão temporal retilínea judaico-cristã. “Os gregos da época das origens, antes do socratismo e da decadência iniciada por este, são um povo que soube conservar um admirável sentido não histórico”⁸¹. Nietzsche sabe que “Deus (...) só é feito pela história”⁸². Logo, sem história não há Deus e sem Deus não há história. O Deus judaico-cristão é o Deus da história. Ele agiu concretamente na história⁸³ e se encarnou nela⁸⁴, tornando-se o centro da história da salvação.

Nietzsche rompeu com a visão de tempo judaico-cristã. Logo, a Pós-Modernidade, por ser pós-teísta (pós-cristã), é também pós-histórica por viver reservadamente no instante que passa a ser o único tempo que existe. Logo, em Nietzsche, a metafísica é nova a partir do eterno retorno do mesmo e suas estruturas dionisíacas, i. é, hedonismo caótico. Em Nietzsche, a visão retilínea (ou linear) do tempo foi substituída pela visão cíclica que se basta e nunca passa de si mesma.

Por conseguinte, a linearidade da história que constitui o Ocidente

Cultural, 1983, p. 58.

⁷⁷ VATTIMO, 2010, p. 10.

⁷⁸ VATTIMO, 2010, p. 10.

⁷⁹ NIETZSCHE, 1983, p. 60.

⁸⁰ NIETZSCHE, 1983, p. 60.

⁸¹ VATTIMO, 2010, p. 21.

⁸² NIETZSCHE 1983, p. 68.

⁸³ Cf. Ex 3.6; 20.2.

⁸⁴ Cf. Jo 1.1, 14; Fp 2.5-11.

cristão, baseada na *Heilsgeschichte*, é substituída pelo *niilismo* do *Ewige Wiederkehr des Gleichen*. É o eterno retorno do mesmo que cria o vazio de sentido na vida humana pela diluição da escatologia no instante que eliminou o objetivo (escatologia) da vida. Sem escopo, o ser humano está condenado a viver uma vida mórbida *coram hominibus* (totalmente aqui). O eterno retorno do mesmo não é nada mais do que um eterno cair sem chegar ao chão.

2.4 A secularização como vocação do cristianismo

Vattimo conhece a teologia do pastor luterano e mártir alemão Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) na construção de sua cristologia filosófica da secularização. Contudo, diz Vattimo, “não me parece existir mesmo em Bonhoeffer (...) uma teoria explícita da secularização e da morte do Deus metafísico como lugar de afirmação positiva da divindade por meio da ideia da encarnação”⁸⁵. Para Suzel Magalhães Tunes, “tanto Vattimo como Bonhoeffer entendem a secularização como um fenômeno intrínseco ao Ocidente cristão”⁸⁶. Bonhoeffer, inclusive, constatou a secularização como um acontecimento já do seu tempo: “inicia-se rápida e amplamente o grande *processo de secularização*, cuja etapa final hoje assistimos. Do lado protestante, na mal interpretada doutrina luterana dos dois reinos, acharam-se a liberação e canonização do mundo e do natural”(grifo do autor)⁸⁷. Assim como Vattimo, Bonhoeffer também parte da encarnação de Cristo para falar da inexorável relação existente entre cristianismo e Ocidente. O aparecimento de Jesus é “a era em que o tempo de Deus se cumpriu, em que Deus se fez humano; é o mundo que Deus assumiu na encarnação, do qual Deus se serviu para espalhar a mensagem cristã”⁸⁸. Bonhoeffer chega a afirmar que “onde a *cruz* de Cristo dominar a pregação cristã, há de se enfatizar o rompimento entre Cristo e a antiguidade”(grifo do autor)⁸⁹. Para Bonhoeffer, em Nietzsche “há aqui uma atualização conscientemente anticristã da herança grega”⁹⁰. Por conseguinte,

⁸⁵ VATTIMO, 2004, p. 51.

⁸⁶ MAGALHÃES TUNES, Suzel. O Cristianismo não religioso em Bonhoeffer e Vattimo. In: **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 6, n. 12, jun./2008, p. 158.

⁸⁷ BONHOEFFER, 2009, p. 64.

⁸⁸ BONHOEFFER, 2009, p. 61.

⁸⁹ BONHOEFFER, 2009, p. 62.

⁹⁰ BONHOEFFER, 2009, p. 61.

tanto Vattimo como Bonhoeffer partem da cristologia cristã. Um é filósofo ateu (talvez), o outro foi um teólogo confessional.

Vattimo aplica a *kénosis* como vocação fundamental da *secularização* do cristianismo. O que já era para ser, desde o início, um movimento antirreligioso acabou se tornando mais uma religião dentre tantas outras. Com religião se pressupõe aqui o termo latino *religare* que literalmente significa religar. Este era o modo pela qual o ser humano buscava, com suas forças, alcançar a transcendência e a salvação. Em Jesus Cristo, ao contrário, é Deus que vem ao ser humano na encarnação do *Logos*. O Deus cristão rompeu com a religiosidade sinérgica humana, pois o próprio Deus se doou e se entregou ao ser humano, vindo ao encontro dele aqui mesmo, na terra.

Assim, como vocação do cristianismo, a *kénosis* seria a maneira pela qual o cristianismo consegue continuamente se esvaziar da sua religiosidade e de suas estruturas religiosas, tornando-se um movimento prático que vive e atua no mundo secular, servindo a Deus por meio do próximo. Timothy Keller afirma sobre a igreja primitiva que “os cristãos mudaram a história e a cultura ao conquistarem as elites e também ao se identificarem profundamente com os pobres”⁹¹. Por conseguinte, já nos primeiros séculos da era cristã o cristianismo era um movimento de pessoas que se doavam aos outros a fim de servir a Deus por meio do serviço ao outro. Tal como Cristo se doou, os cristãos doavam-se a servir com honestidade e alegria, cumprindo sua vocação secular no mundo. Com a institucionalização pós-Constantino, perdeu-se a dimensão secular do cristianismo e do evento de Cristo como *kénosis*.

Para Weber, foi Lutero quem resgatou a vocação secular do cristianismo através da *Berufe* e da *Berufung*: “a profissão concreta do indivíduo vai sendo, com isso, interpretada cada vez mais como um dom especial de Deus, e, a posição que ele oferece na Sociedade, como preenchimento da vontade divina”⁹². Logo, para Vattimo, “a *kénosis* de Deus, que é o cerne da história da salvação, ela não deverá mais ser pensada como fenômeno de abandono da religião, e sim como atuação, ainda que paradoxal, da sua íntima vocação”⁹³. Logo, para Vattimo, a *kénosis* neotestamentária é o pressuposto da atuação cristã no mundo secular. É dela que o filósofo parte para explicar e fundamentar a secularização, ao passo que a *kénosis*

⁹¹ KELLER, Timothy. **Igreja centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 179.

⁹² WEBER, 1967, p. 57.

⁹³ VATTIMO, 2004, p. 35.

substitui o abismo aberto por Nietzsche, chamado niilismo, como uma solução para o vazio de sentido. Para Vattimo, a *kénosis* significa o enfraquecimento do ser contra as forças e instituições deste mundo. Por isso, “a secularização é, ainda, o enfraquecimento do sentido da realidade que se produz nas ciências que estudam entidades cada vez mais inconciliáveis com as coisas da experiência cotidiana”⁹⁴. Logo, “o Ocidente é essencialmente cristão na medida em que o sentido da sua história se mostra como o ‘crepúsculo’ do ser”⁹⁵. Assim, a *kénosis* é a hermenêutica vattminiana para compreender a secularização e o niilismo.

2.5 Problemas e desafios

Embora racionalista, positivista e empirista, a Modernidade mantinha a visão de mundo judaico-cristã a partir da secularização desta própria tradição, como ensinaram Max Weber, Dietrich Bonhoeffer e Gianni Vattimo. A vivência da *Berufung* no trabalho era o modo não religioso de viver a fé e o cristianismo servindo a Deus por meio do próximo. A secularização manteve os preceitos seculares do protestantismo, mas eliminou o seu fundamento teológico. Deus concedeu os benefícios para uma sociedade Moderna. Os benefícios permaneceram retidos, mas o doador de tais benefícios não. A Modernidade foi judaico-cristã e a maioria dos teóricos deste tempo tinham suas raízes no cristianismo. Entretanto, enquanto na Pré-Modernidade o fundamento da sociedade estivesse na Igreja, na Modernidade o fundamento da sociedade estava no Estado. É na Modernidade que se constituem os reinos da França, Prússia, Áustria, Espanha, Portugal etc., que viriam a constituir os países europeus da atualidade.

A Pós-Modernidade rompeu não só com a Modernidade, mas também com a Pré-Modernidade que constituiu a Modernidade. O marco divisor entre Modernidade e Pós-Modernidade é o anúncio nietzschiano da morte de Deus. Foi Nietzsche quem abriu o “mar vermelho” que separa a Modernidade da Pós-Modernidade. Para Nietzsche, a única maneira de superar a decadência ocidental é o estabelecimento de uma nova cultura a partir da era trágica dos gregos, especialmente na adoração do deus caótico e hedonista Dionísio. O *Übermensch* só pode sobreviver nesta nova cultura substituta da humanista e decadente. Para Nietzsche, o Deus que se fez fraco é uma vergonha, um “golpe de gênio do

⁹⁴ VATTIMO, 2004, p. 99.

⁹⁵ VATTIMO, 2004, p. 98.

cristianismo” onde Deus se tornou “o único que pode redimir o homem daquilo que para o próprio homem se tornou irredimível – o credor se sacrificando por seu devedor, por *amor* (é de se dar crédito?), por amor a seu devedor!...”⁹⁶. Por conseguinte, o projeto trans-humanista do *Übermensch* pode ser executado somente na superação do mito decadente cristão-ocidental.

Por fim, Nietzsche reconheceu que a própria linearidade do tempo com início, meio e fim faz parte da visão de mundo judaico-cristã e, por isso, não hesitou em substituí-la por um retorno à concepção grega clássica do tempo cíclico que ele denominou de *Ewige Wiederkehr des Gleichen*. O eterno retorno do mesmo é o fundamento último do niilismo. Contudo, o niilismo tem sua origem já na secularização do cristianismo, pois as instituições e a religiosidade são esvaziadas no processo de secularização da vocação. Assim, o niilismo chega a seu escopo na eliminação da linearidade do tempo judaico-cristã pela circularidade temporal dos gregos a. C. A existência humana passa a não ter fim, objetivo e alvo concreto (escatologia), pois vive-se eternamente o mesmo como um *hamster* correndo na roda de sua gaiola.

Tendo isto em vista, conclui-se previamente que a Pós-Modernidade é o processo de total descristianização do Ocidente. O objetivo da Pós-Modernidade é eliminar a sinfonia existente entre Ocidente e visão de mundo judaico-cristã. Para o cristianismo este período consiste em um enorme desafio por ser parecido com o período em que viveram Jesus e seus discípulos, pois embora o império fosse romano, a cultura presente no Novo Testamento ainda era helênica⁹⁷. A Pós-Modernidade não é outra coisa senão um retorno a esta antiga cultura e suas práticas baseadas não na igualdade de direito, mas nas diferenças interpessoais que valorizava os fortes e eliminava os fracos⁹⁸, que atualmente reaparece em temas polêmicos como aborto, *After-birth abortion*, homossexualidade e transexualidade. Por conseguinte, os desafios do cristianismo do sec. XXI não são muito diferentes dos desafios enfrentados pelos cristãos nos primeiros três séculos da História da Igreja. A diferença consiste no avanço tecnológico que atualmente permite

⁹⁶ NIETZSCHE, 2009, p. 74-75.

⁹⁷ Verifica-se este dado pelo próprio uso da língua grega *coiné* usada pela maioria dos autores neotestamentários.

⁹⁸ Por exemplo, as crianças nascidas com alguma deficiência tinham de ser jogadas em penhasco pelas próprias mães. Cf. BELINI, Luiz Antonio. **A justiça na República de Platão**. Sarandi: Humanitas Vivens, 2009, p. 80-81.

inclusive a “mudança de sexo” por parte de seres humanos. Assim, não se pode falar da Pós-Modernidade sem falar do rompimento efetuado pelo cristianismo para com a visão de mundo grega, pois a Pós-Modernidade é a retomada da visão de mundo grega como superação do intervalo cristão de 2000 anos.

Assim, em que medida se pode constatar no sec. XXI um retorno ao dionisíaco grego? Onde se torna perceptível este retorno à era trágica dos gregos na Pós-Modernidade? Qual é a interpretação pós-moderna do Deus crucificado? Quais são os resquícios do Deus que se fez fraco na Pós-Modernidade? Onde o Deus escandaloso ainda faz sentido? O que sobra senão um criminoso Deus nojento pendurado em uma cruz?⁹⁹

REFERÊNCIAS

- BACKES, Marcelo. Cronologia biobibliográfica. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras escolhidas**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- BARROS FILHO, Clóvis de. Deus. In: GRANDES DESAFIOS DA MODERNIDADE, 1., 2010, UNIMED Vitória.
- BARROS FILHO, Clóvis; POMPEU, Júlio. **Somos todos canalhas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: 2015.
- BEALE, Simon Russell. Bach e o legado luterano. Documentário. Inglaterra: BBC, 2008. Apud: **Programa acervo**. Brasília: TV Escola. 13 de Maio de 2013. Programa de TV. **beeld.nu**: <http://www.beeld.nu/html/culture/hermannnitsch.html#/25> (2009).
- BITTENCOURT, Renato Nunes. O trágico na música: a Carmen de Bizet como expressão da tensão apolíneo-dionisíaca. In: **Exagium**. Ouro Preto, 9. ed., .../2011.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 9. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.
- SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR - SINAES. **Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE**. Teologia. Fascículo 12. Novembro 2015.
- CLARKE, Arthur C. **2001: Uma Odisseia no Espaço**. São Paulo: Aleph, 2013.
- COLLISON, Diané. **50 grandes filósofos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- CULLMANN, Oscar. **Cristo e o tempo**. São Paulo: Custom, 2003.
- GODOY, Fernanda. Sobre as mulheres vikings e as questões de gênero no medievo. In: **Medievalis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, .../2014.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. 21. ed. São Paulo: Globo, 2012.
- KELLER, Timothy. **Igreja centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- LANDAU, Cecile; SZUDEK, Andrew; TOMLEY, Sarah (eds.). **O livro da filosofia**. São

⁹⁹ Nota: O presente assunto terá continuidade em outro artigo dos mesmos autores, sob o título: Supra-humanidade como humanismo: a pós-modernidade enquanto rompimento com a visão de mundo judaico-cristã.

- Paulo: Globo, 2011.
- MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MAGALHÃES TUNES, Suzel. O Cristianismo não religioso em Bonhoeffer e Vattimo. In: **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 6, n. 12, jun./2008.
- MC DUDU. **Trampolim**. Produção musical: DJ Perera. 2014.
- MEUC. **Vamos todos cantar**. 4. ed. São Bento do Sul: União Cristã, 2010. nº 287.
- MORAES BARROS, Fernando R. de. **O pensamento musical de Nietzsche**. 2005. 110 f. Dissertação (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Filosofia, da Faculdade de Filosofia, Letras Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 12. (Nota de Rodapé n. 1).
- MORAES, Vinícius de; JOBIM, Antônio Carlos. Garota de Ipanema. Intérprete: Tom Jobim. In: JOBIM, Tom. **Tide**. Los Angeles: A & M Records, p1970. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 1.
- MOZDZENSKI, Leonardo. A construção multimodal do *ethos* no gênero videoclipe. In: **Intersecções**, Jundiaí, 10. ed, n. 2, nov./2013
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A filosofia na era trágica dos gregos – 1874. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras escolhidas**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- _____. A Arte em O nascimento da tragédia – 1888. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Os Pensadores. Vol. 41**. Obras Incompletas. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. **A Gaia ciência**. São Paulo: Hemus,1981.
- _____. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 1999.
- _____. Considerações Extemporâneas – 1874. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Os Pensadores. Vol. 41**. Obras Incompletas. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. O Anticristo – 1888. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras escolhidas**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- _____. **O caso Wagner**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- OLIVEIRA GUIMARÃES, Maria da Conceição. Amor e morte em Dido, a Rainha de Cartago, de Christopher Marlowe, e Eneida, de Virgílio. In: **Revista Brasileira de Literatura comparada**, São Paulo, v. 1, n. 23,/2013.
- PERLMUTTER, Dawn. The Sacrificial Aesthetic: Blood Rituals from Art to Murder. In: **Anthropoetics**. Chester/Pennsylvania, v. 5, n. 2,/2000, § 2.
- PERRY, Katy. Firework. In: PERRY, Katy. **Teenage Dream: The Complete Confection**. Montana: Capitol Records, p2012. 1 CD. Faixa 4.
- _____. I Kissed a Girl. In: PERRY, Katy. **One of the boys**. Londres: EMI, p2008. 1 CD. Faixa 2.
- _____. Peacock. In: PERRY, Katy. **Teenage dream**. Montana: Capitol Records, p2010. 1 CD. Faixa 5.
- SAUMELL, Mercè. Ópera e emoção. In: **Moringa**, João Pessoa, v. 3, n. 1, jan-jun/2012.
- SCOTTINI, Alfredo. **Dicionário escolar**. Blumenau: Todo Livro, 2009.
- STOTT, John. **Ouçã o espírito, ouçã o mundo**. São Paulo: ABU Editora, 1992.
- VATTIMO, Gianni. A Idade da Interpretação. In: ZABALA, Santiago (org.). **O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

- _____. **Depois da Cristandade**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **Diálogo com Nietzsche**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. **O fim da Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1967.
- WESTPHAL, Euler Renato. “A Pós-Modernidade e as verdades universais: a desconstrução dos vínculos e a descoberta da alteridade.” in: CARVALHO LAMAS, Nadja de; RAUEN, Taiza Mara (orgs.). **(Pro)Posições Culturais**. Joinville: Univille, 2010.
- _____. **Brincando no paraíso perdido**. São Bento do Sul: União Cristã, 2006.
- _____. Existência sob a cruz – somos justos e pecadores. **Jorev Luterano**, Porto Alegre, ano 41, n. 753, p. 9-9, ago. 2012.
- _____. **O Oitavo Dia**. Na Era da Seleção Artificial. São Bento do Sul: União Cristã, 2004.
- ZABALA, Santiago. Uma religião sem teístas e ateístas. In: ZABALA, Santiago (org.). **O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- ZACARIAS, William Felipe. **Elogio do frágil**. Curitiba, 2015. Notas de palestra, preletor Gianni Vattimo, Litercultura Festival Literário.
- _____. **SI 103.1-9**. São Bento do Sul, 2012. Notas de palestra, preletor Dr. Euler Renato Westphal, culto de ações de graças da Comunidade da Missão Evangélica União Cristã.
- ZILSE, Raphaelson Steven. Base Filosófica para uma Estrutura Dogmática? In: SCHWAMBACH, Claus (coord.). **Vox Scripturae**. São Bento do Sul, v. XXI, n. II, 2013.